[Recensão a] Synodicon Hispanum, vol. II: Portugal

Autor(es): Rodrigues, Manuel Augusto
Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra
URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/43939>
DOI: DOI:https://doi.org/10.14195/2183-8925_3_15
Accessed : 26-Apr-2023 01:53:21

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

REVISTA DE HISTÓRIA DAS IDEIAS

Volume III

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS
COIMBRA 1981

Synodicon Hispanum, vol. II: **Portugal**. Dir. por ANTONIO GARCÍA Y GARCÍA. Colaboração de Francisco Cantelar Rodriguez, Avelino de Jesus da Costa, Antonio García y García, Antonio Gutierrez Rodriguez (†) e Isaías da Rosa Pereira. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1982. — XXIII + 516 págs.

Depois de ter saído à estampa o vol. I do *Synodicon Hispanum* dedicado à Galiza, acaba agora de vir à luz da publicidade o vol. II sobre Portugal, no qual colaboraram Francisco Cantelar Rodriguez, Avelino de Jesus da Costa, António García y García, António Gutierrez Rodriguez (entretanto falecido) e Isaías da Rosa Pereira.

No prólogo García y García explica a inclusão de Portugal nesta obra, retomando, aliás e muito bem, o que já escrevera no vol. I. De facto, a *Hispania* medieval não estava circunscrita a nenhum dos diversos Reinos ou Estados de então nem de agora. É certo que cada um deles tinha as suas características próprias e a sua razão de ser peculiar, mas também não se pode esquecer que existiam aspectos comuns entre todos eles, facto que não se verificava em qualquer dos outros Reinos ou Estados da cristandade.

Até 1393, Braga teve como sufragâneas as dioceses de Mondoñedo, Lugo, Astorga, Orense e Tui. Ao mesmo tempo pertenciam a Santiago de Compostela os bispados portugueses de Lamego, Idanha (Guarda), Lisboa e Évora. Em 1394 foram anexadas a Santiago as dioceses que Braga tinha no reino de Castela, enquanto as que até então eram sufragâneas de Santiago em Portugal passavam à nova metrópole de Lisboa, em 1393. A diocese de Silves foi sufragânea de Sevilha entre 1253 e 1393. A Administração Eclesiástica de Valença do Minho era inicialmente a parte portuguesa da diocese de Tui. Como muito bem escreve o Prof. Avelino de Jesus da Costa, este território oscilou entre a união a Tui e a independência, passando pela união a Ceuta e anexação feita por Braga.

Também é de referir o facto de alguns castelhanos terem sido bispos de Portugal, como Alvaro Pelágio (bispo de Silves) e Telo, arcebispo da sé primaz de Braga e promotor de importantes sínodos. Quando já se encontrava impresso o presente volume, o Prof. Avelino Costa descobriu a notícia de um sínodo do bispo de Coimbra D. Tibúrcio (1234-46), o qual, antes, havia sido tesoureiro do bispo de Palência. Igualmente houve casos de portugueses bispos de sés castelhanas. Pedro Afonso foi primeiro bispo de Astorga e depois do Porto; e D. Egas Fafes passou do bispado de Coimbra para o de Santiago. E é provável que o prelado D. Juan Sebastianes (1248-61) de Mondoñedo fosse português. E o francês Juan de Cardaillac foi bispo de Orense antes de o ser de Braga.

Falando deste intercâmbio entre Portugal e Castela, não se pode omitir a circunstância de muitos clérigos portugueses terem estudado em Salamanca e noutras cidades e contactado com clérigos castelhanos. Havia, efectivamente, relações estreitas entre os dois países. Curioso é o facto de o sínodo convocado por D. Pedro Vaz Gavião, bispo da Guarda, ter sido impresso em Tormes, em 1505, o que explica, como adverte o Prof. Isaías da Rosa Pereira, a existência de castelhanismos no texto.

A partir da época em que os outros reinos ibéricos se unificam, devido à acção dos reis católicos, constitui-se o Estado espanhol, passando então a existir uma separação mais nítida entre os dois países ibéricos, Portugal e Espanha. Daí o prescindir-se no *Synodicon* dos sínodos realizados após finais do séc. XV ou princípios do séc. XVI.

As normas seguidas na edição deste volume são as mesmas do primeiro. A transcrição dos sínodos portugueses e respectivas introduções são da autoria dos Profs. Drs. Avelino Costa e Isaías da Rosa Pereira. O primeiro preparou os sínodos de Braga, Coimbra, Porto, Valença do Minho e Viseu; o segundo ocupa-se dos restantes. Foi com a colaboração de outros autores no tocante ao aparato crítico, correcção de provas, etc. que foi possível levar a termo este notável trabalho.

Este volume compreende 73 sínodos, sendo a maior parte deles do séc. XIV. Também é incluído o de Braga, de 1505, por razões especiais. O quadro sinóptico apresentado fornece, entre outros, os seguintes dados: Braga teve 28 sínodos; Coimbra 4; Évora 8; Guarda 1; Lamego 2; Lisboa 13; Porto 11; Valença do Minho 4; Viseu 2. A terminar o prólogo, o Prof. García y García rende as suas homenagens a Antonio Gutiérrez, infatigável e valioso colaborador, entretanto falecido, ao qual é dedicado o volume como testemunho do apreço dos seus colegas de trabalho.

A indicação de siglas, fontes e bibliografia antecede o texto dos sínodos propriamente dito, que começa com o de D. Fr. Telo, de Braga, de 5 de Dezembro de 1281. Seguem-se dois do mesmo bispo, de data incerta (1285? e 1286?); os de D. Martinho Pires de Oliveira, de D. Gonçalo Pereira, de D. João de Cardaillac, de D. Lourenço Vicente, de D. Martinho Afonso Pires da Charneca, de D. Fernando da Guerra, de D. Luís Pires, de D. Jorge da Costa e de D. Diogo de Sousa, este de extraordinário interesse.

Coimbra contou com os de D. Egas Fafes, de D. Estêvão Anes Brochardo e outro (de fins do séc. XIV). Évora figura com a constituição de D. Durando Pais, com os sínodos de D. Martinho Afonso, de D. João, de D. Martinho III e de D. Luís Pires, e com as constituições de D. Durando Pais e de D. Pedro de Noronha. A Guarda aparece com o extenso e importante sínodo de D. Pedro Vaz Gavião (12 de Maio de 1500); Lamego com os de D. Egas Pais e de D. Lourenço. Lisboa com os de 1240, de D. Aires Vasques, de D. Mateus, de D. João Martins de Soalhães e com a constituição de D. Soeiro Viegas. O Porto abre com a constituição de D. Julião Fernandes, seguindo-se os sínodos de D. Vicente Mendes, de D. João Gomes, de D. Pedro Afonso, de D. Afonso Pires, de D. João Afonso Esteves de Azambuja, de D. Antão Martins de Chaves, de D. Gonçalo Eanes de Óbidos, de D. João de Azevedo e o longo e rico de conteúdo de D. Diogo de Sousa. A Administração Eclesiástica de Valença do Minho figura com os sínodos de D. João Afonso Ferraz e com os de D. Justo Baldino. Viseu com os de D. Pedro Gonçalves e de D. Fernando Gonçalves de Miranda. Os maiores e mais repletos de notícias e normas são os de D. Fr. Telo (5 de Dezembro de 1281) e de D. Gonçalo Pereira (17 de Agosto de 1326) e de D. Luís Pires (11 de Dezembro de 1477), além do já referido de D. Diogo de Sousa, em Braga; em Lisboa houve igualmente alguns de enorme significado, como o celebrado em 1240.

A anteceder cada diocese, o leitor encontra uma nota de introdução de enorme interesse para situar os acontecimentos e compreender os textos incluídos. Os Profs. Drs. Avelino Costa e Isaías da Rosa Pereira, profundos conhecedores dos assuntos versados e da problemática eclesiástica medieval, tiveram o louvável cuidado de

apresentar elementos de relevante importância para cada caso. Quanto a Coimbra, escreve o Prof. Avelino Costa que nesta diocese se celebrava sínodo anualmente, nos dias 8 a 10 de Setembro, pelo menos no tempo do bispo D. Estevão Anes Brochardo (1304-1318). Todavia, não se encontrou até agora o texto completo de nenhum deles. Existem apenas os de D. Egas Fafes (1246-1267), no qual legisla acerca do modo de pagar os dízimos das terras cultivadas, e de D. Estevão Anes Brochardo, em que reprime certos abusos cometidos pelo Prior e mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. De fins do séc. XIV, existe um fragmento de pergaminho no qual se encontram copiadas sete constituições sinodais, mas não se pode precisar nem o ano nem o nome do bispo que o convocou.

Ainda no que respeita a Coimbra, há a referir que existia um livro de constituições, de que se conservava um exemplar no coro da sé, segundo se deduz do inventário do tesouro da mesma sé, feito a 3 de Setembro de 1517: «Item. Hum livro de constituições do bispado, escripto em pergaminho». Também D. Jorge de Almeida alude às constituições dos seus antecessores e às suas, sem dizer se eram sinodais ou extra-sinodais. Aquele prelado (1483-1543) revogou-as todas nas constituições promulgadas no sínodo reunido em Coimbra, a 1 de Setembro de 1521. Foram publicadas as ditas constituições em Braga, em Novembro de 1521, havendo apenas um único exemplar das mesmas que se conserva na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: R-31 32.

Os índices finais (onomástico, toponímico, temático e sistemático) concluem este volume. Felicitamos os seus organizadores pelo excelente trabalho realizado que vem preencher uma lacuna que há muito se fazia sentir. A partir de agora, podem os estudiosos dispor de excelente material sobre um dos aspectos mais significativos da história da Igreja portuguesa na Idade Média. Com óptima apresentação e contendo informações valiosas, esta obra abre horizontes novos para o estudo da vida religiosa e mesmo profana do nosso país num dos seus períodos mais importantes. Ela, com tantos elementos enriquecedores, torna-se utilíssima para os historiadores e para todos os amantes da cultura duma maneira geral.

MANUEL AUGUSTO RODRIGUES

Klassiker der Theologie. — Vol. I: *Von Irenäus bis Martin Luther.*

Editado por Heinrich Fries e Georg Kretschmar. Verlag C. H. Beck, Munique, 1981. 462 págs.

A Teologia como reflexão sobre a fé cristã diz respeito de um modo especial à história. Nela se encontra a sua origem, o seu desenvolvimento e as suas exigências. Estas palavras traduzem o escopo que se teve na preparação deste trabalho, de que agora saiu o vol. I, aguardando-se para breve a publicação do segundo e último. Nele se incluem breves monografias de vinte e três dos teólogos mais repre-